O Conselho de Segurança permitiu poder e brutalidade sem controle: para proteger a paz, precisamos reformar a ONU[1]

El Consejo de Seguridad ha permitido el poder y la brutalidad sin control
Para proteger la paz, necesitamos reformar la ONU

The Security Council has allowed unchecked power and brutality
To protect peace, we need to reform the UN

Luiz Inácio Lula da Silva

> *Um mundo sem regras é um mundo inseguro. É hora de um multilateralismo que realmente reflita a ordem global.*

Uma violação muito grave do direito internacional convida ao próximo. Do Afeganistão ao Irã, e por todo o Iraque, Líbia, Síria, Ucrânia, Gaza e Venezuela, a linha entre o que é permitido e o que é proibido tem sido gradualmente borrada pela inação cúmplice do Conselho de Segurança da ONU. Usando o veto tanto como escudo quanto como arma, seus membros permanentes frequentemente agem sem fundamento na carta da ONU. Eles brincam com o destino de milhões, deixando um rastro de morte e destruição.

Até anos recentes, havia pelo menos uma tentativa de dar às intervenções uma aparência de legitimidade por meio do endosso da ONU. Hoje, o exercício aberto do poder nem tenta mais manter as aparências. As barreiras das instituições multilaterais estão se tornando muito estreitas para conter rivalidades hegemônicas. Sem multilateralismo, corremos o risco de substituir um sistema imperfeito de segurança coletiva pela brutal realidade da insegurança generalizada. Quando todas as restrições ao uso da força são removidas, o caos prevalece.

O mundo está testemunhando o maior número de conflitos armados desde a Segunda Guerra Mundial. Não é coincidência que isso esteja acontecendo em um momento em que a democracia está em uma encruzilhada. O extremismo é tanto o ponto de partida quanto o fim de um ciclo vicioso. Quando governos se deixam levar pela intolerância ou arrogância do poder, eles plantam sementes de ressentimento que geram mais ódio e violência.

Avanços tecnológicos, com aplicações tanto civis quanto militares, nos confrontam com questões éticas. A seleção de alvos militares já está sendo realizada por inteligência artificial, sem parâmetros legais ou morais estabelecidos. Os princípios do direito internacional humanitário – em particular a distinção entre civis e combatentes – estão sob séria ameaça. Mulheres e crianças são as principais vítimas dessa tragédia coletiva.

[1] Artigo originalmente publicado no *Guardian*, em 30/03/2026. Acesso ao original: The security council has allowed unchecked power and brutality. To protect peace, we must reform the UN | Luiz Inácio Lula da Silva | The Guardian. Tradução automática com recursos de IA, revisada por Paulo M. Buss.

Estamos vivendo uma corrida armamentista que está empurrando os países a dedicarem fatias cada vez maiores de seus orçamentos para armamentos. Os gastos militares globalmente, agora em torno de US$ 2,7 bilhões, absorvem recursos valiosos que poderiam ser usados para combater a fome e a pobreza, enfrentar a crise climática, garantir acesso universal à educação e promover a inclusão digital. Ainda mais grave é o uso recorrente da fome como arma de guerra, e a impunidade com que o deslocamento forçado é realizado.

Nenhuma bomba, drone ou míssil pode proteger as economias do impacto de conflitos armados. As flutuações nos preços do petróleo significam energia e transporte mais caros – ou até inacessíveis – para empresas e consumidores. Bloqueios limitam o comércio. A escassez de fertilizantes eleva os preços dos alimentos e alimenta a inflação. Os bancos centrais aumentam as taxas de juros, aumentando a dívida pública e privada. Oportunidades de investimento e empregos são perdidos.

Ações unilaterais, medidas arbitrárias, violações da soberania e execuções sumárias estão se tornando a regra. Um estudo publicado no Lancet mostra que sanções impostas sem o apoio da ONU – especialmente as econômicas – afetam as taxas de mortalidade nos países-alvo e, em média, têm sido responsáveis por cerca de meio milhão de mortes por ano desde a década de 1970.

Poder excessivo e instabilidade andam juntos. Um mundo sem regras é um mundo inseguro, onde qualquer um pode ser a próxima vítima. A violência não pode substituir o diálogo, nem a força pode prevalecer sobre a diplomacia. As prerrogativas dos membros permanentes do conselho de segurança já são injustificáveis em uma ordem internacional fundamentada na igualdade soberana das nações. Quando exercitadas de forma irresponsável, tornam-se intoleráveis. É hora de responder com determinação, restaurando a capacidade de uma ONU reformada de agir, para que ela não permaneça mais apenas espectadora de eventos que nos afetam a todos.